



## Traduzir o (in)traduzível idioma de Hélène Cixous

### *Traslate the (un-)translatable language of Hélène Cixous*

Davi Andrade Pimentel

Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Rio de Janeiro, Rio de Janeiro/Brasil

davi\_a\_pimentel@yahoo.com.br

<http://orcid.org/0000-0001-5519-3792>

**Resumo:** Este artigo apresenta a singularidade do idioma literário da escritora franco-argelina Hélène Cixous a partir da intraduzibilidade de três palavras que estruturam a sua obra, são elas: Ève, Événement e rêve. Ao aceitar a intraduzibilidade do texto cixousiano, o tradutor brasileiro, de modo ético, proporcionará ao leitor de sua tradução um contato mais íntimo com o espaço literário criado por Cixous – um espaço único, em que acontecimentos e sonhos são dados à luz por meio da letra de Ève, mãe-personagem da escritora. Nessa perspectiva, conclui-se, então, que a intraduzibilidade em Cixous não é perda ou fracasso, mas ganho e produção de sentidos.

**Palavras-chave:** Hélène Cixous; Intraduzibilidade; Ève; Événement; rêve.

**Abstract:** This article presents the singularity of the literary language of the Franco-Algerian writer Hélène Cixous from the untranslability of three words that are the basis of her works: Ève, Événement and rêve. By accepting the untranslability of Cixous's text, the Brazilian translator, in an ethical way, provides a more intimate contact with the literary space created by the author – a unique space, in which events and dreams are born through Ève's letter, the writer's mother-character. From this perspective, it is possible to conclude that untranslability in Cixous has nothing to do with loss or failure, but with an advantage and the production of meanings.

**Keywords:** Hélène Cixous; Untranslability; Ève; Événement; rêve.

## 1 Introdução

É preciso então concluir que a incompreensão é de direito, que a tradução é teoricamente impossível e que os indivíduos bilíngues só podem ser esquizofrênicos.

(RICŒUR, 2012, p. 39)

No instante em que se decide traduzir uma obra da escritora *judia e argelina e francesa*<sup>1</sup> Hélène Cixous, que escreve em francês, embora o seu francês seja *um-outro* francês, *du côté de la langue française*, em que estar do lado de (*du côté de*) não significa proximidade nem tomada de partido, mas suspensão tensionada de toda e qualquer distância<sup>2</sup>, o espectro da (in)traduzibilidade radical passa a assombrar o tradutor, seja ele de qual nacionalidade for:

O chamado provocante a uma tradução impossível não pode não provocar ao mesmo tempo, com o desejo, a admiração e a transferência inconfessáveis, portanto, resistências transferenciais

---

<sup>1</sup> A judeidade, a origem africana e a colonização francesa da Argélia, país em que nasceu Cixous, marcam não apenas a composição mais íntima do ser da escritora, o seu pensar, o seu existir e o seu agir, mas sobretudo a sua escrita, o *corpo* de sua escrita. A partir da leitura da obra de Cixous, pode-se dizer que o corpo de sua escrita está atravessado por questões judaicas (os seus pais judeus, Ève e Georges, o seu apego à letra, ao juramento à letra, e o caráter messiânico da Literatura, como *Aquela* que está por vir, vindo, já estando), pela origem (a experiência da fronteira e de seu rompimento, seja ela espacial ou literária, refiro-me, aqui, ao estilhaçar das fronteiras dos gêneros literários em sua obra) e pelo francês (escrever por meio da língua do outro: uma língua que a acusa de estrangeiridade e que a acolhe em toda a sua estrangeiridade). Seguindo uma perspectiva derridiana presente em *O monolinguísmo do outro* (2016, p. 35-36), os adjetivos *judia*, *argelina* e *francesa* não estão unidos por hífen, mas por *e*, exatamente para marcar que não há, em Cixous, uma neutralização ou uma supressão das diferenças destes adjetivos, e sim uma unidade e uma autonomia que os coloca sempre em questão: uma questão de escrita na escrita, logo, uma questão para a sua tradução.

<sup>2</sup> Em *H.C. pour la vie, c'est à dire...*, Jacques Derrida se demora por um longo período sobre as várias e diferentes recorrências da palavra *côté* presentes no léxico de Hélène Cixous, bem como sobre as suas declinações idiomáticas: *cote*, *coté*, *côte* e *cotte*. Sobre a particularidade do *côté* cixousiano, Derrida escreve: “Justamente, quando se está *do lado de* [*du côté de*], não se está próximo; é preciso estar do outro lado [*de l'autre côté*], do outro lado do outro [*de l'autre côté de l'autre*], para estar próximo” (DERRIDA, 2002, p. 38).

à leitura, evitamentos no reconhecimento mesmo do que eu gostaria de tentar mais tarde a análise, ao menos em seu princípio. (DERRIDA, 2002, p. 17)<sup>3</sup>

Nesta citação de Jacques Derrida, que pertence ao seu estudo sobre Hélène Cixous, *H.C. pour la vie, c'est à dire...*, há três palavras com as quais todo tradutor de Cixous terá de se confrontar: intraduzibilidade [“tradução impossível”], “resistências” e “evitamentos”. Três palavras que, *para-além* da tradução *entre-línguas*, obsedam também, por sua vez, o leitor e crítico nativo da língua francesa, neste caso, Jacques Derrida, como testemunha este seu demorado e a todo momento recomeçado trabalho (de tradutor) sobre o idioma cixousiano: “Ser-me-á preciso sempre recomeçar” (DERRIDA, 2002, p. 09)<sup>4</sup>. Ao traduzirmos a expressão francesa “Il me faudra” por “Ser-me-á preciso”, ocorre um processo de oralidade que retraduz a mesóclise do verbo *ser* em uma estrutura homófona do verbo *semeiar*: *ser-me-á/semeiar*. Nesse processo de tradução, no qual se comprova a observação benjaminiana de “A tarefa do tradutor”, em que “uma determinada significação contida nos originais se exprime em sua traduzibilidade” (BENJAMIN, 2013, p. 104), a homofonia resultante desta tradução libera uma significação que está presente, ainda que não verbalizada ou escrita, sob o texto do original derridiano: cabe a nós, leitores e/ou tradutores, *semeiar* constantemente, *ressemeando-a* sempre, essa obra literária ainda não identificável, para que talvez, talvez, se possa comer do fruto proibido de Ève, *mãe e personagem* de Cixous: “minha mãe, que é também Ève, o personagem principal da metade de minhas invenções” (CIXOUS, 2013, p. 12)<sup>5</sup>.

Por ora, deixemos em suspenso a maçã e Ève, que serão retomadas logo a seguir, na segunda seção deste artigo, para podermos voltar ao caráter resistente e (in)traduzível do idioma cixousiano. Tanto para o

---

<sup>3</sup> Todas as traduções dos textos em francês citados neste artigo são de minha autoria. No original: “L’appel provoquant à une traduction impossible, il ne peut pas ne pas provoquer du même coup, avec le désir, l’admiration et le transfert inavouables, par conséquent des résistances transférentielles à la lecture, des évitements dans la reconnaissance même dont je voudrais tenter plus tard l’analyse, au moins dans son principe”.

<sup>4</sup> No original: “Il me faudra toujours recommencer”.

<sup>5</sup> No original: “ma mère, qui est aussi Ève, le personnage principal de la moitié de mes inventions”.

nativo quanto para o não nativo da língua francesa, a obra de Cixous demanda tradução – seja uma tradução *entre-línguas*, seja uma tradução na própria língua francesa, como enfatiza Derrida em seu estudo: “presumo que todo seu texto seja criptografado de um lado a outro, sobrecarregado de referências e de datas escondidas” (DERRIDA, 2002, p. 44)<sup>6</sup>. Ao exigir traduções contínuas, a obra de Hélène Cixous produz uma resistência de leitura, logo, um evitamento de seu futuro leitor e/ou tradutor, evidenciando, assim, a sua possível (in)traduzibilidade textual. Mas, por quê? A meu ver, por uma razão principal: o seu idioma e o consequente juramento à sua letra.

## 2 Ève: do corpo ao verbo

Hospitalidade linguística, portanto, onde o prazer de habitar a língua do outro é compensado pelo prazer de receber em casa, na acolhida de sua própria morada, a palavra do estrangeiro.

(RICŒUR, 2012, p. 30)

Na comédia *O mercador de Veneza*, de William Shakespeare, o judeu Shylock, em um julgamento manipulado por Pórcia, travestida (*traduzida*) em advogado, diante do Duque de Veneza, exige receber o pagamento, uma libra de carne do mercador Antônio, por este não ter saldado a sua dívida, por não ter respeitado a *letra* do contrato firmado entre ambos em presença de um notário. A reivindicação de Shylock não se concentra propriamente no dinheiro perdido ou na libra de carne a ser ganhada, mas no desrespeito à *letra* do contrato, quando Antônio se recusa a pagar o que está *escrito* em juramento. Ao ser obrigado a perdoar a dívida e, conseqüentemente, a negar a *letra*, Shylock brada:

---

<sup>6</sup> No original: “je présume que tout son texte est crypté de part en part, criblé de références et de dates cachées”. É interessante destacarmos que na língua francesa o adjetivo *criblé* tem como sinônimo o adjetivo *semé* [*semeado*] em seu sentido figurado, que possibilitaria outras versões para a tradução desta citação derridiana, citarei duas: “*semeado* de referências” e “*enchido* de referências”. Com isso, comprova-se a presença, que se manifesta por meio de sua tradução para o português, da significância do verbo *semeiar* sob o texto derridiano, como apresentado no parágrafo anterior.

SHYLOCK

Eu jurei, eu jurei, aos céus jurei –  
Devo perder minh'alma num perjúrio?  
Nem por Veneza inteira.  
(SHAKESPEARE, 2017, p. 319)

Mas sabemos o final da comédia shakespeariana, o judeu, além de perder tudo, é convertido (*traduzido*) em cristão. O seu juramento à *letra* é perjurado. Na leitura *em tradução* de *O mercador de Veneza*, presente em “O que é uma tradução ‘relevante’?”, Derrida destaca:

Ela [Pórcia] tenta convertê-lo [Shylock] ao cristianismo, convencendo-o dessa interpretação, supostamente cristã [do perdão], que consiste em interiorizar, em espiritualizar, em idealizar aquilo que, nos Judeus (diz-se muitas vezes, ou é, ao menos, um estereótipo muito poderoso) permanece físico, externo, literal, voltado ao respeito pela letra. (DERRIDA, 2000, p. 36)

Talvez esteja nesta observação derridiana o fio condutor (*o fio telefônico*) para a compreensão do juramento que Hélène Cixous faz perante a *letra* de seu idioma, que, em muitos casos, torna-a deliberadamente intraduzível. Um idioma sem tradução, em respeito à letra:

No original:

La puissance est donc accordée, alliée à l'esprit de la *lettre*, à l'esprit au sens du spectre et du revenant. Du spectre qu'il faut “respectrer”, comme il est dit ailleurs. (DERRIDA, 2002, p. 40, grifos meus)<sup>7</sup>

Na tradução:

A potência está portanto acordada, aliada ao espírito da *letra/carta*, ao espírito no sentido do espectro e da aparição. Do espectro que é preciso “respectrar”, como está dito em outro lugar.

---

<sup>7</sup> Quando as traduções apresentarem alguma problemática para o trabalho do tradutor ou alguma singularidade do idioma cixousiano, os seus respectivos originais em francês estarão no corpo do artigo.

Em Cixous, a palavra *lettre* se conjuga simultaneamente com a ideia de letra, de palavra, de verdade contida na palavra, com a ideia de carta, como aquele(a) que está por vir, e com a ideia do Messias, sendo o Messias, como veremos a seguir, a própria Literatura. Mas, se para os judeus, como Shylock, a verdade de todas as coisas já se encontra *traduzida e traduzível* na Torá, por isso o respeito à sua letra, pois nela está a verdade; para Cixous, enquanto judia e escritora, o respeito à letra é mais radical, pois se trata de um respeito quase-absoluto à letra de seu idioma literário, uma vez que, a verdade estando na *lettre*, ela é inseparável de sua estrutura. Portanto, em muitos momentos, o *corpo da lettre* cixousiana é insubstituível e intraduzível, pois traduzi-lo seria cometer o mais atroz dos perjúrios em tradução. Em *H.C. pour la vie, c'est à dire...*, Derrida assinala: “gostaria de saudar uma obra cuja escrita não renuncia nunca a ela mesma (é a escrita mais escrita de todas)” (DERRIDA, 2002, p. 18)<sup>8</sup>. Sem pátria, para-sempre estrangeiros, e na espera ainda do Messias, os judeus somente têm a *letra* da Torá como morada, por isso a sua potência, a potência que se inscreve na *letra* para todos os judeus. Em uma passagem profética de *Or – les lettres de mon père*, a narradora escreve: “Elas se salvam. Se furtam dos massacres e das mudanças. Todas as irmãs de Kafka<sup>9</sup> foram eliminadas salvo as *cartas/letras*. Desde as primeiras palavras elas se libertam para escapar da civilização. Elas chegarão” (CIXOUS, 1997, p. 76, grifos meus)<sup>10</sup>.

As *lettres* chegarão juntamente com o Messias, ou melhor, com a Literatura, e, com Ela, um novo mundo. Em *Ayā! – Le cri de la littérature* (2013), o segundo grito, certamente, pois o primeiro fora dado com *O riso da medusa*, em 1975, Cixous escreve que, quando o mundo ruir de todo ou quando nos roubarem tudo, somente a Literatura poderá vir a

---

<sup>8</sup> No original: “je voudrais saluer une œuvre dont l’écriture ne renonce jamais à elle-même (c’est l’écriture la plus écrite qui soit)”.

<sup>9</sup> Observação interessante: A Literatura é a Messias para Cixous assim como a Literatura é a nova Cabala para Kafka.

<sup>10</sup> No original: “Elles se sauvent. Se dérobent aux massacres et aux déménagements. Toutes les sœurs de Kafka sont tuées sauf les lettres. Depuis les premiers mots elles se débrouillent pour échapper à la civilisation. Elles parviendront.”

ser a Salvadora – *Aquela* que nos arrebatará no momento final, antes de nossa queda mortal:

No original:

Peut-on défaire ce qui est fait, peut-on dé-mourir, désachever, dé-défaire ? Non. *Mais si*. La littérature peut refaire de la vie avec des cendres. De la vie autre. De la vie suivie, poursuivie. (CIXOUS, 2013, p. 26, grifos meus)

Na tradução:

Podemos desfazer o que está feito, podemos des-morrer, desacabar, des-desfazer? Não. *Mais si* [mɛ si] / *Messie* [mesi]. A literatura pode refazer a vida das cinzas. A vida outra. A vida seguida, prosseguida.

Nós nada podemos fazer para *des-desfazer* as ruínas, mas a Literatura, em sua vinda messiânica, sim. Em conformidade com *Aquela* que ainda não veio, a escrita cixousiana não presentifica *a* Messias, mas *a* anuncia em um jogo homófono performativo que poderá, por sua vez, passar despercebido por seu leitor: *Mais si* [mɛ si] ecoa anunciando a vinda de *Messie* [mesi]. Desse modo, na citação acima, entre a ruína total e a salvação (ressurreição), encontra-se o *Mais si* / a *Messie* / a Literatura: “Apenas temos, para que o milagre da ressurreição se realize, que aproximar nossos dedos do paralelepípedo retangular mágico que chamamos por uma palavra mágica também, *Book*” (CIXOUS, 2013, p. 48)<sup>11</sup>. Esse recurso à homofonia, que atravessa toda a obra de Cixous, Derrida, em *H.C. pour la vie, c’est à dire...*, interpreta-o como uma inventiva virtude que potencializa na palavra escrita a oralidade que faz da linguagem cixousiana uma fonte quase-inesgotável de combinações possíveis – combinações em potência na *letra literária*, como assinala, de modo preciso, a narradora e escritora H., de *Double*

---

<sup>11</sup> No original: “Nous n’avons, pour que le miracle de la résurrection s’accomplisse, qu’à approcher nos doigts du parallépipède rectangle magique que nous appelons d’un mot magique aussi, *Book*”.

*Oubli de l'Orang-Outang*: “A ficção abre a todas as possibilidades” (CIXOUS, 2010, p. 208)<sup>12</sup>.

Porém, em termos de tradução para o português, tem-se uma problemática: traduzir ou não “Mais si”. Para-além de um testemunho da impotência do tradutor, que já se tornou lugar-comum nas teorias da tradução, a intraduzibilidade como sentido negativo, e não como potência afirmativa, caso escolha por não traduzir “Mais si”, deixando-o então intraduzível, o tradutor, primeiro, manterá o anúncio profético do texto cixousiano, a sua *letra* não será perjurada; segundo, trará para o português a diferença, a estrangeiridade, do idioma de Cixous; terceiro, dará ao leitor a oportunidade de um estranhamento produtivo com o texto traduzido, fazendo-o refletir sobre essa letra não traduzida; e, quarto, não entulhará o texto traduzido com notas e mais notas de rodapé. Seguindo essa perspectiva, a intraduzibilidade não é erro, mas acerto, não é fracasso, mas ganho – um convite, na língua portuguesa, à morada onde habita a *letra idiomática* de Cixous, pois, como atesta Benjamin, em sua “A tarefa do tradutor”: “A verdadeira tradução é transparente, não encobre o original, não o tira da luz” (BENJAMIN, 2013, p. 115).

Em *Messie* (1996), narrativa que antecede *Or – les lettres de mon père* (1997), a narradora escreve:

No original:

La *Lettre* imprime le mouvement. Vers. Vers. Le pas de leur *Vérité*.  
Mais pas de plan. (CIXOUS, 1996, p. 27, grifos meus)

Na tradução:

A *Letra/Carta* imprime o movimento. Na direção de. Na direção de. O passo de sua *Verdade*. Mas nenhum plano.

Um movimento sem rota que, no entanto, dirige-se sempre à verdade de sua *letra*, e, quase-sempre, à Ève. Em *Double Oubli de l'Orang-Outang*, a narrativa inicia o seu movimento sem destino, pois sem memória, a partir da intraduzibilidade da letra *Événement*:

<sup>12</sup> No original: “La fiction ouvre à toutes les possibilités”.



No original:

“Je l’aurai donc relu.” J’écrivis aussitôt cette phrase. Comme on note une prophétie. En renâclant et pliant. C’est la première chose que je fis dans l’instant qui suivit l’*Événement*. Je ne doutai pas d’en apercevoir les conséquences les plus lointaines, croyais-je, et les plus surprenantes et déjà je me portai à la fin. (CIXOUS, 2010, p. 11, grifos meus)

Na tradução:

“Eu o terei portanto relido.” Escrevi logo essa frase. Como se anota uma profecia. Resmungando e me curvando. Foi a primeira coisa que fiz no instante seguinte ao *Événement*. Eu não duvidei de perceber nisso as consequências mais distantes, acreditava, e as mais surpreendentes e já me entreguei ao fim.

Nas traduções brasileiras, há um certo consenso em traduzir a palavra *événement* por *acontecimento*. Contudo, na tradução do idioma cixousiano, ela se torna intraduzível para o português, uma vez que *événement* se conjuga, em Cixous, sempre com *Ève*, mãe e personagem da escritora. Caso a traduzíssemos, a ligação (*telefônica*) com *Ève* se perderia por completo. Ainda que a traduzíssemos por um neologismo, como *Eventomento*, a palavra *evento*, em nossa língua, não corresponde de fato a *acontecimento*, embora sejam sinônimas, pois um *evento* se repete banal e cotidianamente, ao contrário de um *acontecimento*, que é da ordem de algo único, inaugural e, por vezes, catastrófico, que jamais poderá ser tomado como hábito ou ser testemunhado duas ou mais vezes. Por essa razão, na tradução de *Double Oubli*, assim como na tradução das demais obras de Cixous, *Événement* resta intraduzível. Nesta narrativa em particular, a intraduzibilidade está tanto na *letra* quanto na tradução do esquecimento do primeiro livro, *Le Prénom de Dieu*, em memória de escrita por sua narradora H. – dupla intraduzibilidade de um *Événement* (de um “Acontecimento”) que se anuncia desde o seu título.

*Ève* é, portanto, a um só tempo, o *Événement* e o corpo da letra que o origina, *Événement*, sendo o *Événement*, por essa razão, uma palavra que não pode ser perjurada por sua possível traduzibilidade para o português. Se há um *Événement* em *Double Oubli*, isto se deve à sua

estreita relação com Ève: primeiro, o encontro de H. com o esquecimento do livro originário, *Le Prénom de Dieu*, com a caixa contendo os seus manuscritos, se dá na casa de sua mãe Ève. É sob a *morada* de sua mãe que se encontra (que se acha, *por acaso*) a origem de sua escrita, a ruína da obra inaugural – uma ruína esquecida que a arrebatava e a afligia desde o parágrafo inicial de sua narrativa: algo profético que anuncia uma memória futura (*e passada*) corroída pelo esquecimento. Nesse sentido, a origem de sua escrita está também em Ève – se *demora* em Ève. Segundo, é Ève, ainda que debilitada, que a conduz pela escrita, que a auxilia na travessia sem planos pela Literatura: “– Creio que eu poderia ainda conduzir, disse minha mãe. Pela boca. Dar conselhos” (CIXOUS, 2010, p. 94)<sup>13</sup>. Em 2013, ano em que sua mãe morre, Cixous, em *Ayāi ! – Le cri de la littérature*, escreve: “Minha mãe não fala mais. [...] Agora eu pouse meus lábios sobre sua tampa oca como um começo de cova e com esses miseráveis restos de provisões eu tenho ainda o que escrever” (CIXOUS, 2013, p. 42)<sup>14</sup>. Em 2010, Ève ainda falava. Em 2013, não mais. Porém, o seu corpo físico e ficcional jamais deixou de ser matéria para a *letra* de Cixous.

Se, na citação acima, o começo se direciona para o morrer, ele também se direciona, por outro lado, para o viver: a relação entre Ève e a Literatura. Em *Les commencements* (1970), a narradora observa que:

No original:

Jamais Ève ne ment.  
Ma mère est où elle est.  
Elle n'est pas où elle n'est pas.  
Ève ne ment jamais,  
(CIXOUS, 1970, p. 84, grifos meus)

<sup>13</sup> No original: “ Je crois que je pourrais encore conduire, dit ma mère. Par la bouche. Donner des conseils”.

<sup>14</sup> No original: “Ma mère ne parle plus. [...] Maintenant je pose mes lèvres sur sa tempe creuse comme un commencement de tombe et avec ces misérables restes de provisions j'ai encore de quoi écrire”.

Na tradução:

Nunca *Ève ne ment*.  
 Minha mãe está onde ela está.  
 Ela não está onde ela não está.  
*Ève ne ment* nunca,

Sinalizando para uma certa coerência entre as traduções brasileiras futuras da obra de Hélène Cixous, em que *Événement* e *Ève* restam intraduzíveis, a oração francesa *Ève ne ment* [*Ève não mente*], por sua clara relação com *Événement*, restará, por sua vez, também intraduzível – lembrando uma vez mais que a intraduzibilidade em Cixous não é perda, mas ganho. Na escrita cixousiana, assim como *Ève*, a Literatura, de maneira semelhante, não mente: “a literatura, a incerta que não mente” (CIXOUS, 2013, p. 73)<sup>15</sup>. Disso resulta que a ideia de Literatura em Cixous<sup>16</sup> está relacionada a uma ideia de *Ève*, ainda que de maneira ficcional (viva na ficção), para-além de seu corpo físico, para-além de sua morte – *ambas não mentem*, ambas se telefonam e estão unidas por um fio [*fil*] (*filho* [*filis*] – *Le Prénom de Dieu*) que liga a vida à morte e a morte à vida (*da ficção ao real e do real à ficção*: uma chamada sempre em espera, mas jamais ocupada): “A Literatura é o telefone antimorte, a magia que estabelece a ligação entre nós, os orfeus órfãos e nossos entes queridos invisíveis, em aparência, mas presentes” (CIXOUS, 2013, p. 48)<sup>17</sup>. Por mobilizar e produzir tantos sentidos a partir da configuração de sua *letra*, como vimos acima, *Événement* se mantém intraduzível, não perjurada – uma *letra* insubstituível do francês de Cixous.

Como destaca H., em *Double Oubli*, *Ève* sempre foi a medida de todas as coisas, sobretudo, de sua escrita: “Sobre esse fato, simples, vivo, elegante, repousou todo o equilíbrio da família. Ela sempre foi balança

<sup>15</sup> No original: “la littérature, l’incertaine qui ne ment pas”.

<sup>16</sup> Uma ideia de Literatura à qual se acrescentam também a imagem e a *letra* de Jacques Derrida, seu amigo: “Veja o que me revela a amizade de Hélène: ela é sem dúvida a única a pensar que *eu não minto nunca*” (DERRIDA; CIXOUS, 2004, p. 27, grifos meus). No original: “Vous voyez ce que me donne l’amitié d’Hélène: elle est sans doute la seule à penser que *je ne mens jamais*”.

<sup>17</sup> No original: “La Littérature c’est le téléphone antimort, la magie qui établit la liaison entre nous, les orphées orphelins et nos êtres chers invisibles, en apparence, mais présents”.

com uma medida exata do fiel” (CIXOUS, 2010, p. 22)<sup>18</sup>. Sendo a medida exata, por sua mãe passam todas as coisas, com destaque para o *rêve*:

No original:

Je hurle je porte un violent coup de cri dans la membrane du *rêve*.  
C’est la dernière minute. C’était la dernière minute.

- J’ai bien conduit, quand même, dit ma mère. Penaude. Assez contente. Très bien, dis-je. (CIXOUS, 2010, p. 93-94, grifos meus)

Na tradução:

Eu urro eu golpeio com um violento berro a membrana do *rêve*.  
Foi no último minuto. Era o último minuto.  
– Dirigi bem, mesmo assim, disse minha mãe. Embaraçada.  
Bastante contente. – Bem demais, disse eu.

Em uma conversa com Flavia Trocoli, uma das mais competentes especialistas da obra de Hélène Cixous no Brasil, no momento em que lhe apresentava as minhas razões da intraduzibilidade da palavra *Événement*, ela de imediato observou: se *Événement* é intraduzível, *rêve* também o seria por sua estreita e literal relação com Ève. Concluímos, então, que no idioma cixousiano, as palavras que se constituem a partir de Ève restam, em sua grande maioria, intraduzíveis, uma vez que são insubstituíveis e mobilizam, por meio de sua *letra*, toda uma importante cadeia de sentidos que estruturam as suas narrativas. Em Cixous, o “Acontecimento” [Événement] e o “sonho” [rêve] não são apenas um *Acontecimento* e um *sonho*, bem entendido, mas um *AcontecimentocomÈve* e um *sonhocomÈve*, que se manifestam de modo mais vertiginoso na língua francesa: *Événement* e *rêve*. Na narrativa de *Double Oubli*, como se nota na citação acima, *rêver* é *rêver* com, para, por, sobre, sob, a partir e através de Ève. Nessa perspectiva, não há *rêve* sem Ève e nem *Événement* sem Ève, portanto, não há tradução para *rêve* e nem para *Événement*, pois traduzi-las seria perjurar o juramento que Cixous fez diante do *corpo* de sua mãe, diante do corpo da *letra* de Ève.

---

<sup>18</sup> No original: “Sur ce fait, simple, vif, élégant, a reposé tout l’équilibre de la famille. Elle a toujours été balance avec une taille droite de fléau”.

Em *Ève s'évade* (2009), há uma radicalidade na gramática da *letra*: de substantivo masculino, como estabelecido na norma da língua francesa, *rêve* passa a substantivo feminino no idioma cixousiano, quando o/a *rêve* anuncia a presença de Ève em sua gravidez onírica:

No original:

– OÙ allons-nous ? dis-je. – À Londres, dit le *rêve*. Prépare-toi. Le *rêve* découvre mon nouvel appartement, pendant que je prépare mes bagages. C'est un beau matin. Le *rêve* est enceinte. À la vue de son ventre je corrige: c'est donc une *Rêve*. Surtout ne pas rater le train. La *Rêve* est vive, active, et sous les yeux ronds et chauds est attaché le sourire de *maman*. (CIXOUS, 2009, p. 16, grifos meus)

Na tradução:

– Aonde vamos? disse eu. – A Londres, disse o *rêve*. Prepare-se. O *rêve* descobre meu novo apartamento, enquanto preparo minhas bagagens. É uma bela manhã. O *rêve* está grávida. À vista de seu ventre eu corrijo: é portanto uma *Rêve*. Sobretudo não perder o trem. A *Rêve* é viva, ativa, e sob os olhos redondos e ardentes está cravado o sorriso de *mamãe*.

Por seu caráter andrógino, que *corrompe* o corpo da gramática francesa, ou seja, o seu limite, a sua limitação e a sua lei, produzindo uma camada outra de significação para *rêve*, a intraduzibilidade da *Rêve* é de direito, assim como a de *Événement* e a de *rêve*. Em “O que é uma tradução ‘relevante’?”, Derrida (2000, p. 22) pontua que não se pode perjurar a unidade corporal de uma palavra, a sua singularidade provinda do seu idioma de origem, pois perjurar-la, traduzi-la forçosamente, seria colocar em questão a própria ideia de tradução, de uma tradução ética: “Em todos os lugares em que a unidade da palavra é ameaçada, ou colocada em questão, não é somente a operação da tradução que se encontra comprometida, é o conceito, a definição e a própria axiomática, a ideia da tradução que é preciso reconsiderar”. Em diálogo com Derrida, Hélène Cixous, no lançamento de seu livro *O riso da medusa*<sup>19</sup>, questiona

<sup>19</sup> Embora seja uma autora bastante profícua, com mais de oitenta obras escritas, entre

a razão de ser aceitável a intraduzibilidade de certas palavras gregas, inglesas e alemãs, por exemplo, nos textos e livros filosóficos, e não ser quase nunca aceitável em livros que refletem sobre o espaço literário: por que, então, a traduzibilidade em literatura seria uma obrigatoriedade? A seguir, transcrevo o momento em que Cixous assinala a importância da intraduzibilidade em literatura:

Em filosofia, vocês sabem disso, que nas traduções, nós deixamos enormemente palavras, termos, que não são traduzidos. Nós adotamos, em francês, nós mantemos palavras em alemão ou em inglês, e assim em todas as línguas. E isso é aceito como uma convenção, mas, em literatura, não. Exige-se que tudo seja traduzido e há coisas que não são passíveis de tradução, que devem ser mantidas, que *a gente precisa jogar com elas*. (BAZAR DO TEMPO, 2022, grifos meus)<sup>20</sup>

Em tradução, é preciso *jogar com* a intraduzibilidade de certas palavras. Porém, não se trata de afrancesar a língua portuguesa, mas de hospedar, de abrigar sob a morada da nossa língua, a singularidade da outra língua, a sua diferença, como escreve Maurice Blanchot (1971, p. 71) em “Traduire”, texto presente em *L’amitié*. Por sua vez, hospedar a diferença do estrangeiro não significa desvelá-la, ou seja, não significa traduzi-la indiretamente via notas de rodapé. De nada adianta mantermos a intraduzibilidade da letra *Événement*, se em seguida a traduzimos com uma nota de rodapé, *esclarecendo-a*, retirando o direito do leitor ao estranhamento do idioma cixousiano. A meu ver, a solução mais interessante seria um epílogo, no qual o tradutor apresentaria os movimentos idiomáticos da obra de Cixous – um modo de dialogar com o leitor, e não de facilitar a sua leitura, tornando-a palatável. Talvez, assim, se possa vislumbrar de modo mais material, digamos, a finalidade benjaminiana da tradução, que “consiste, por último, em expressar o mais íntimo relacionamento das línguas entre si” (BENJAMIN, 2013, p.

---

textos ficcionais, ensaios e peças teatrais, Hélène Cixous, que escreve desde 1967, somente no ano de 2022 teve a sua segunda obra traduzida e publicada no Brasil, *O riso da medusa*, pela Editora Bazar do Tempo; assim como a edição de uma nova tradução de seu texto *A hora de Clarice Lispector*, publicada pela Editora Nós.

<sup>20</sup> O vídeo “O riso da Medusa, de Hélène Cixous. Encontro com as tradutoras e a professora Flavia Trocoli” está hospedado no canal do YouTube da Editora Bazar do Tempo: <https://www.youtube.com/watch?v=Lp7DIjNPTzw>.

106). A intraduzibilidade do idioma de Cixous, sob a morada da língua portuguesa, seria o mais próximo dessa finalidade desejada por Benjamin em sua “A tarefa do tradutor”.

Uma tarefa que, para o tradutor da obra de Cixous, por sua intraduzibilidade e demanda por um repertório literário expressivo por parte de seu leitor e/ou tradutor, certamente significa ao mesmo tempo *trabalho* e *renúncia*, e muitas vezes, um evitamento. Nesse sentido, é relevante destacarmos que essa ambivalência da tarefa tradutória da obra cixousiana se revela notavelmente na letra alemã *Aufgabe*, que compõe o título original de “A tarefa do tradutor”, de Benjamin: “Die Aufgabe des Übersetzers”. De acordo com a tradutora deste texto benjaminiano, Susana Kampff Lages, essa “ambivalência está presente no substantivo *Aufgabe*, entendido como ‘proposta’, ‘tarefa’, ‘problema a ser resolvido’, mas no qual ressoam também as ideias de ‘renúncia’ e ‘desistência’” (LAGES, 2013, p. 101). Seguindo essa perspectiva, traduzir Cixous seria uma tarefa em modo de renúncia ou uma renúncia que se faz tarefa em tradução. Ou melhor, uma tarefa-renúncia do tradutor que se faz em juramento à *letra* de Ève, ao seu corpo que passa, então, a ser verbo: *èver*. Um verbo inaugural em francês que se conjuga como se conjuga *rêver*. Em uma das mais belas cenas da literatura francesa, Ève ève:

No original:

Paroles d’Ève qui me hèle depuis le quai où stationne sa dernière barque: – Hélène ! Qu’est-ce qu’on fait ? – On dort, Ève, dis-je et on *rêve*. Ève *ève rêve* (CIXOUS, 2013, p. 48, grifos meus).

Na tradução:

Palavras de Ève que me chama de longe desde o cais onde estaciona sua última barca: – Hélène! O que estamos fazendo? – Dormimos, Ève, disse eu e se *rêve*. Ève *ève rêve*

A frase resta inconclusa, assim como uma possível tradução para *èver*. Apenas sabemos, em francês e em português, que Ève ève. Por outro lado, temos uma certeza. Se, para o evangelista João, “No princípio era o verbo, e o verbo estava com Deus, e Deus era o verbo” (BÍBLIA, João, 1:1); para a obra de Hélène Cixous, no princípio era Ève, e Ève estava com o verbo, e Ève era *èver*.

## Referências

BAZAR DO TEMPO. O riso da Medusa, de Hélène Cixous. Encontro com as tradutoras e a professora Flavia Trocoli. *YouTube*, 07 mar. 2022. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=Lp7DIjNPTzw>>. Acesso em: 08 dez. 2022.

BENJAMIN, W. A tarefa do tradutor. In: BENJAMIN, W. *Escritos sobre mito e linguagem*. Tradução de Susana Kampff Lages e Ernani Chaves. São Paulo: Duas Cidades; Editora 34, 2013. p. 101-119.

BÍBLIA. *Novo Testamento: os quatro evangelhos*. Tradução do grego por Frederico Lourenço. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

BLANCHOT, M. Traduire. In: BLANCHOT, M. *L'amitié*. Paris: Gallimard, 1971. p. 69-73.

CIXOUS, H. *Les commencements*. Paris: Grasset, 1970.

CIXOUS, H. *Messie*. Paris: des Femmes, 1996.

CIXOUS, H. *Or – les lettres de mon père*. Paris: des Femmes, 1997.

CIXOUS, H. *Ève s'évade: la ruine et la vie*. Paris: Galilée, 2009.

CIXOUS, H. *Double Oubli de l'Orang-Outang*. Paris: Galilée, 2010.

CIXOUS, H. *Ayã!* – Le cri de la littérature. Paris: Galilée, 2013.

CIXOUS, H. *O riso da medusa*. Tradução de Natália Guerellus e Raísa França Bastos. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2022.

DERRIDA, J. O que é uma tradução “relevante”? Tradução de Olivia Niemeyer Santos. *Alfa: Revista de Linguística*, São Paulo, v. 44, n. 01, p. 13-44, 2000. Disponível em: <<https://periodicos.fclar.unesp.br/alfa/article/view/4277>>. Acesso em: 09 dez. 2022.

DERRIDA, J. *H.C. pour la vie, c'est à dire...* Paris: Galilée, 2002.

DERRIDA, J.; CIXOUS, H. Du mot à la vie: un dialogue entre Jacques Derrida et Hélène Cixous. *Magazine Littéraire – Dossier Jacques Derrida*, Paris, n. 430, p. 22-29, avril 2004.

DERRIDA, J. *O monolinguismo do outro ou a prótese da origem*. Tradução de Fernanda Bernardo. Belo Horizonte: Edições Chão da Feira, 2016.



LAGES, S. K. Notas de Tradução de “A tarefa do tradutor”. In: BENJAMIN, W. *Escritos sobre mito e linguagem*. Tradução de Susana Kampff Lages e Ernani Chaves. São Paulo: Duas Cidades; Editora 34, 2013. p. 101.

RICŒUR, P. *Sobre a tradução*. Tradução de Patrícia Lavelle. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012.

TROCOLI, F. Insistir no Eu, destronar o Eu, passar à literatura: movimentos da obra de Hélène Cixous. *Alea: Estudos Neolatinos*, Rio de Janeiro, v. 22, n. 3, p. 181-195, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1517-106X/2020223181195>. Acesso em: 14 fev. 2023. Epub. ISSN 1807-0299.

TROCOLI, F. A que passa é o seu nome, quer dizer Hélène Cixous. Posfácio. In: CIXOUS, H. *O riso da medusa*. Tradução de Natália Guerellus e Raísa França Bastos. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2022.

TROCOLI, F.; SOUZA, F. R. de. Sob as flores – Hélène Cixous reescreve inscrições apagadas de Proust, de Freud. *Alea: Estudos Neolatinos*, Rio de Janeiro, v. 24, n. 3, p. 167-183, 2022.. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/1517-106X/202224310>>. Acesso em: 14 fev. 2023. Epub. ISSN 1807-0299.

SHAKESPEARE, W. O mercador de Veneza. In: SHAKESPEARE, W. *Grandes obras de Shakespeare: v. 2: comédias*. Tradução de Barbara Heliodora. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2017.

Data de submissão: 12/01/2023.

Data de aprovação: 13/02/2023.